



## CRUZADA DO MAL

### Massacres em nome de Deus

**Ainda pensamos nas Cruzadas como uma empreitada de grande nobreza. Os cruzados, acreditamos, foram idealistas que combateram por sua fé. Mas seus atos foram marcados por ignorância, fanatismo e crueldade indiscriminada, numa escala aterrorizante.**

O CERCO DE JERUSALÉM, apresentado como uma batalha heróica num manuscrito do século XV, chegou a um fim sangrento. Até os cidadãos aterrorizados que procuraram refúgio em locais sagrados foram chacinados pelos furiosos cruzados.

**O**s soldados de Cristo entraram em Jerusalém em 15 de julho de 1099, após um cerco de mais de um mês. A rendição do governador muçulmano foi aceita, e permitiu-se que ele marchasse para fora da cidade com suas tropas.

Então a carnificina teve início. A matança não respeitava critério de idade, sexo ou religião. Os cruzados não pouparam sequer os cristãos do Oriente, pois não podiam distingui-los em linguagem ou aparência dos

muçulmanos. Em 16 de julho, os soldados invadiram a imensa mesquita de Al Aqsa, que já tinha se rendido a outro cruzado – Tancredo, o príncipe cristão de Antióquia – e hastearam a bandeira dele. Todos os muçulmanos refugiados em seu interior foram passados pelo fio da espada. Judeus que buscaram refúgio na sinagoga principal foram queimados vivos junto com ela. Sobreviventes do massacre foram empregados na remoção das pilhas de corpos que enchiam os quarteirões e ruas da Cidade Santa. No entanto,

seis meses depois, Jerusalém ainda cheirava a morte.

Esse foi o desfecho sangrento da Primeira Cruzada. Os invasores admitiram ter matado 10.000 pessoas, enquanto um cronista muçulmano afirma que 70.000 morreram na parte sacra da cidade, que incluía a mesquita de Aqsa. Os historiadores modernos estimam que o exército cruzado matou perto de 40.000 civis desarmados, ou seja, perto de 80% da população da cidade na época.

### Sinal da cruz

Se a Primeira Cruzada acontecesse hoje, nós a encarariamos como um ato de genocídio. Mas o fato de estarmos separados do massacre de julho de 1099 por um período de mais de mil anos faz com que muitos de nós não tenhamos ciência de quão bárbaros e brutais os cruzados foram. A palavra “Cruzada” em geral evoca hoje em dia associações positivas que não guardam relação alguma com os eventos históricos.

Mas isso não quer dizer que na época alguém da cristandade tenha condenado a Primeira Cruzada. Os cruzados viram o saque de Jerusalém como uma vitória gloriosa, um testemunho de sua fé e perseverança. “Agora que nossos homens dominam os muros e as torres, temos maravilhosas vistas para admirar”, escreveu o cronista Raymund d’Aguilers. E ele prossegue:

*Alguns de nossos homens cortaram as cabeças de seus inimigos; outros os flecharam, derrubando-os das torres; outros os torturaram demoradamente, empurrando-os para as chamas. Pilhas de cabeças, mãos e pés podiam ser vistas nas ruas da cidade. No Templo e no Pórtico de Salomão os homens avançavam num lago de sangue à altura dos joelhos e dos estribos. De fato, foi uma decisão justa e esplêndida de Deus que esse lugar fosse lavado com o sangue dos incrédulos, já que o mesmo padecia há muito com suas blasfêmias.*

D’Aguilers e seus pares não tinham dúvida de que agiam segundo a vontade de Deus – como fora dito três anos antes pelo representante de Cristo na Terra, o papa. A 27 de novembro de 1095, Urbano II declarou em linguagem expressiva e com freqüência violenta que as igrejas cristãs no Oriente estavam submetidas à opressão. Mas o chamado do papa às armas teve motivações tanto religiosas como políticas. Jerusalém estava em poder dos muçulmanos havia mais de 450 anos, e nesse tempo os cristãos do Oriente raramente foram perseguidos. O papa respondia a um pedido de ajuda feito pelo imperador cristão bizantino Aleixo I, cujos territórios na Anatólia estavam sob ameaça de invasão muçulmana por parte dos turcos seljúcidas. Assim, com promessas de ricas recompensas terrenas, bem como celestiais, Urbano incitou seus seguidores a libertar a Cidade Santa do jugo islâmico:

*Como as mais puras orações, eu, ou antes, o Senhor os exorta como servidores de Cristo a congregar homens de todas as classes, tanto*

**A OBRA DO SÉCULO XII *História Latina das Cruzadas* (ilustração abaixo), de Guilherme de Tiro, tornou-se a principal fonte de pesquisa no Ocidente. O livro não descreve completamente a situação de desespero dos cercos a Antióquia e a Jerusalém. Em Antióquia, cerca de metade do exército cruzado morreu de fome sob um inverno rigoroso.**



O PINTOR QUATROCENTISTA Jean Fouquet representou o papa Urbano II em pregação pela Primeira Cruzada em Clermont, em 1095. Em torno dele aparece sentado Felipe I da França, embora ele de fato não tenha estado presente. Os monarcas europeus só abraçariam a causa na Terceira Cruzada.



*cavaleiros como peões de infantaria, ricos e pobres, para erradicar de nossas terras essa raça vil...*

E aos que se apresentassem num espírito de devoção, ele prometia que a adesão contaria como penitência de todos os pecados. Para muitos que o ouviam, aquilo equivalia a uma promessa de que depois da morte seguiriam direto para o Céu. Urbano foi tão eficiente em contagiar a massa que muitos “tomaram a cruz” – ataram tiras de pano entre os ombros como sinal de que juraram tomar parte na cruzada. E muitos milhares mais se juntaram a eles depois que o papa e seus bispos despacharam emissários para divulgar a convocação.

### Ondas de invasores

Além das promessas de glória e de um passaporte para o céu, alguns cruzados devem ter sido impelidos pela perspectiva de pilhagem. Para aqueles que padeciam de fome após uma série de más colheitas na França e na Bélgica, o nome Jerusalém prometia a riqueza – a cidade celestial e seus portões de safira.

Não é possível determinar com exatidão quantos se lançaram nessa longa marcha rumo ao Oriente – uma jornada de três anos. Para a princesa

bizantina Ana Comnena, que os viu passar por Constantinopla, pareceu que eles se igualavam em número às estrelas do céu.

O papa decidiu que a Cruzada deveria começar em agosto de 1096, mas milhares de pobres não esperariam tanto. Uma multidão sem governo, incluindo mulheres e crianças, deu início à sua própria “Cruzada do Povo”. Foram encorajados durante o percurso por Pedro, o Eremita, um pregador exaltado que alegava ter uma carta enviada dos Céus na qual Deus lhe dizia que, se os cristãos quisessem, expulsariam os infiéis da Terra Santa. Depois de chegar a Constantinopla e de cruzar o Bósforo, Pedro e seus seguidores mal armados penetraram o território turco, onde logo foram varridos.

Outras hordas de maltrapilhos seguiram a trilha de Pedro partindo da Inglaterra, da França e de Flandres. Como não dispunham de apoio ou suprimentos, dedicaram-se a saquear as cidades da Renânia pelo caminho, como Colônia e Mainz. Os judeus que viviam na região tornaram-se o alvo de suas hostilidades. Com o encorajamento de líderes locais, como o conde Emico de Mainz, a pilhagem logo tornou-se massacre. As atrocidades cometidas na Renânia foram o início de uma longa história de pogroms na Europa.

Esses bandos de assassinos logo foram seguidos por nobres organizados, como os ambiciosos irmãos Godofredo e Balduino de Bouillon e Roberto de Flandres. O mais proeminente era Raimundo de Toulouse, um veterano de 55 anos que combatera os mouros na Espanha. Tais homens tinham experiência em planejar campanhas e arrecadar dinheiro para suprimentos.

O primeiro encontro foi em



Constantinopla. Desde que cruzaram o Mar Negro, na primavera de 1097, os cruzados enfrentaram enormes obstáculos – longas marchas por terrenos acidentados dominados pelo inimigo; o calor do verão; escassez de água e comida; cidades e fortalezas turcas como Nicéia (atual Iznik), que tinham de ser sitiadas; exércitos muçulmanos a derrotar. Em outubro de 1097, após cruzar a Anatólia, os cruzados alcançaram Antioquia. Essa grande cidade-fortaleza os conteve até junho de 1098. Muitos morreram de fome do lado de fora dos muros. Alguns se mantiveram vivos praticando canibalismo. Muitos desertaram. E antes que pudessem tomar Antioquia, eles se viram cercados por um exército muçulmano muito maior.

### A força da fé

No meio da crise, um dos que experienciaram visões de Cristo e dos santos foi Pedro Bartolomeu. Ele afirmou que Santo André lhe mostrara onde a Lança Sagrada – usada para perfurar o flanco de Jesus na crucificação – jazia enterrada. Quando retiraram do solo uma lança

cega, os soldados, inspirados, avançaram e romperam o cerco.

Então veio Jerusalém, e o que viria a ser considerado um dos episódios mais tristes da História. Mais uma vez, a fome e a notícia de que um grande exército muçulmano se aproximava levou os cruzados ao desespero. Eles passaram um mês trazendo madeira de uma distância de 70 km a fim de erguer torres de assalto. Não menos que 35.000 pessoas morreram no caminho, de forma que apenas cerca de 15.000 acamparam ao pé das muralhas. Apenas Deus poderia ajudá-los.

Em 8 de julho, para assombro dos sitiados, o exército se transformou numa procissão de descalços que marchavam solenemente em torno da muralha, exortados pelos sacerdotes. O banho de sangue que se seguiria sete dias depois originou-se desse fanatismo e da crença numa vitória ao fim da jornada, após três anos de estresse mental e físico.

Os homens que abriram caminho para Jerusalém acreditavam fiel e apaixonadamente na verdade literal de seu grito de guerra: *Dieu li volt!* – “Deus o quer!”